

Entre a existência individual e a experiência coletiva: considerações sobre a ficcionalização da história em Saramago

Vima Lia Martin*

RESUMO:

O artigo reflete sobre aspectos da elaboração do romance *Levantado do chão*, de José Saramago, apontando de que modo esse texto apresenta uma abordagem inovadora do problema da referência histórica.

Palavras-chave: José Saramago. Romance. História.

Fora da história não há nada.
José Saramago

Em seu texto “O romance histórico ainda é possível?”, publicado no Brasil em 2007¹, Fredric Jameson indaga-se sobre a permanência do romance histórico na contemporaneidade. Segundo ele, com o advento da modernidade, o romance de caráter histórico que se desenvolve com Walter Scott, e que em sua perspectiva poderia ser compreendido como um drama de costumes, e mesmo aquele que emerge em meados do século XIX, de caráter eminentemente realista, estariam fadados ao desaparecimento. Isso porque, no quadro de uma estética modernista, os romances históricos mostrar-se-iam relativamente indistinguíveis de outras obras romanescas não-históricas. Essa reflexão, “especulação paradoxal”, nas palavras do próprio crítico, constitui-se como uma questão em aberto, que deve ser considerada “importante, sobretudo como uma dúvida e uma hesitação que nos preparariam para o devido espanto diante do renascimento do gênero na pós-modernidade” (JAMESON, 2007, p.8).

Assim, ainda conforme a argumentação do crítico, a época em que vivemos – marcada justamente pelo desafio à estética modernista, com suas formas narrativas e procedimentos linguísticos característicos – parece ser propícia para o surgimento de um novo tipo de romance histórico, capaz de apresentar uma abordagem inovadora do problema da referência histórica. Essa inovação repousaria fundamentalmente na habilidade com que os autores contemporâneos são capazes de ficcionalizar eventos históricos que fazem a mediação entre os tempos individuais simultâneos e o tempo histórico do mundo público. Ou, em outras palavras, a habilidade com que tais autores recriariam um evento axial, de modo que nós – leitores – poderíamos situar nossa própria experiência no quadro da história coletiva.

Na perspectiva do crítico inglês, o romance histórico contemporâneo articular-se-ia, desse modo, a partir da oposição entre um plano público ou histórico (definido seja pelos costumes, acontecimentos, crises ou líderes) e um plano existencial ou individual, denotado pela categoria narrativa que denominamos personagens. E sua arte consistiria na desenvoltura com que essa intersecção é configurada e expressa em uma invenção singular que se produz de modo imprevisto em cada caso.

A obra de José Saramago (1922-2010) é um excelente exemplo da maestria com que o romance histórico - em língua portuguesa – é recriado no panorama da contemporaneidade. Aliás, o próprio escritor reconhece as singularidades de seu manejo com a história, quando distingue suas produções dos romances históricos tradicionais e afirma seu objetivo de narrar a história sob perspectivas não hegemônicas. Em entrevista concedida em 1994, ele afirma: “Quando me perguntam se escrevo

romances históricos, respondo que não, ao menos no sentido oitocentista da palavra, tal qual o faziam o Alexandre Dumas ou o Walter Scott ou o Flaubert em *Salambô*. O meu objetivo é a busca do que ficou no esquecimento pela História” (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p. 256-7).

Para refletir sobre o modo como o autor português constrói seu romance histórico, comentaremos aspectos da elaboração de *Levantado do chão*, publicado em 1980. Com esse romance, Saramago consolida sua maneira pouco ortodoxa de contar histórias, abolindo todos os sinais de pontuação, exceto a vírgula – usada inclusive na indicação de diálogos – e o ponto final. A escrita densa e fluente criada por ele, que resulta de uma profunda consciência das estratégias linguísticas, presentifica-se em todos os seus romances subsequentes que problematizam tanto as questões relacionadas à constituição/narração da história portuguesa como também os valores éticos do homem contemporâneo, sendo que essa última diretriz se acentua a partir da publicação de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991).

A saga dos trabalhadores rurais em *Levantado do chão*

Levantado do chão foi escrito a partir de uma viagem de dois meses que Saramago empreendeu ao Alentejo, em 1975, com a intenção de recolher documentos e depoimentos sobre as histórias da região. Impressionado com a quantidade de apontamentos e registros que obteve, o escritor resolveu, em seu romance, costurar as diferentes histórias que reuniu através da oralidade, fundindo a linguagem normativa à linguagem popular. O resultado é uma narrativa caudalosa, de aparência espontânea, marcada por uma ironia melancólica, como atesta o próprio autor: “(...) é uma espécie de ironia de quem tem pena de si próprio, que é úmida de lágrimas e que não poderia deixar de sê-lo; porque se trata de um livro de comoção constante” (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p. 278).

A história, que mescla melancolia e esperança, constrói-se a partir do discurso de um narrador onisciente, extremamente interventivo, que se identifica com a própria personalidade literária do escritor. Por isso, pode ser identificado como um narrador-autor. Focalizando a saga da família Mau-Tempo, seu principal objetivo é expor as contradições sociais vividas por um grupo de trabalhadores rurais alentejanos, desde o início do século XX até o momento imediatamente posterior à Revolução dos Cravos. Assim, o texto, organizado de maneira polifônica, põe em confronto o discurso oficial estabelecido pela tríade Estado/Igreja/Latifúndio, que visa legitimar a estrutura de dominação agrária, e o discurso questionador e revolucionário que os trabalhadores rurais vão paulatinamente aprendendo a elaborar.

No romance, o espaço é constantemente identificado com grandes extensões de terra, com planícies e vales cuja dimensão mal pode ser abarcada pelo olhar humano. Entretanto, essa paisagem natural, repleta de vitalidade, encontra-se submetida à tirania de seus donos. Por isso, é o chão que aprisiona, é o chão da aragem e da sementeira que acontecem sob o chicote do patrão. E, conforme os interesses e os humores dos latifundiários – sejam eles Angilbertos, Floribertos, Norbertos, Gilbertos ou Adalbertos, os lavradores trabalham ou não; e, se trabalham, recebem ou não.

Na prisão que é o latifúndio, a relação do trabalhador com o seu espaço é extremamente sofrida. Não existe satisfação na execução mecânica de tarefas que fazem o solo frutificar para um maior enriquecimento de seus donos. Entretanto, na ficção criada por Saramago, os trabalhadores rurais, cuja condição por séculos apresentou-se imutável, puderam transformar a sua situação. Nesse sentido, a ação narrativa também se apresenta como uma formulação utópica, já que não apenas acompanha a trajetória empreendida por personagens empenhadas na superação da realidade de exploração a que estão submetidas como também enfatiza a vitória alcançada por elas.

Durante toda a narrativa, acompanhamos o registro, pautado pelo lirismo, de sucessivas mobilizações, greves e enfrentamentos que vão garantindo avanços nas relações trabalhistas estabelecidas

no interior do latifúndio. Esses movimentos, de caráter mais regional, são vinculados a eventos de caráter mais geral, como a Primeira Guerra, a Guerra Civil Espanhola, a ascensão dos regimes totalitários, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, o que acaba por fornecer um painel amplo e bastante bem urdido dos acontecimentos decisivos que marcaram a história ao longo do século XX.

Finalmente, em 1974, assinalando o fim do salazarismo, ocorre o 25 de Abril. Mas as comemorações públicas e livres do Primeiro de Maio, que sucedem a Revolução e enchem os corações de alegria, logo dão lugar às antigas formas de opressão no Alentejo. Os latifundiários unem-se para que a antiga ordem se mantenha e negam a colheita aos trabalhadores com o intuito de fazê-los aceitar as vergonhosas condições de outrora. A resposta a esse desmando não demora e se traduz na ocupação maciça das terras. Em pouco tempo, todas as herdades são invadidas e, em clima de festa, uma multidão perfaz a caminhada pela posse da terra.

Nesse contexto, a ausência dos donos do Latifúndio explica-se pela fuga em massa empreendida quando sua condição de senhores da terra – e dos homens – mostra-se insustentável. Sem o apoio da Igreja, retraída à espera da nova condição das elites, e sem o apoio do governo revolucionário, grande parte dos latifundiários deixa o campo e, desse modo, as fazendas acabam por ser ocupadas por aqueles que sempre nelas trabalharam. A apropriação do espaço que finaliza o romance concretiza a tão esperada justiça conclamada pela narrativa. “Levantados do chão”, os trabalhadores rurais apossam-se das propriedades agrícolas e celebram a possibilidade de conduzir seus destinos sem a exploração do trabalho. Como já havia afirmado o narrador-autor, a existência da esperança no cotidiano de cada indivíduo é uma presença tão certa como a do sofrimento: “cada dia traz com sua pena sua esperança” (SARAMAGO, 1993, p. 320). Essa esperança, entendida como uma possibilidade concreta de ação no presente, favorece o amadurecimento político dos trabalhadores rurais, tão necessário para a efetiva transformação social. Nesse processo, o papel desempenhado pela imaginação é vital, como, mais uma vez, ressalta a voz narrativa: “por cima daquilo que nos permitem temos sempre de pôr o que imaginamos, ou então não somos merecedores do pão comido” (SARAMAGO, 1993, p. 355).

Duas cenas exemplares

Para ilustrar o modo como o romance de Saramago constrói uma narrativa a contrapelo dos discursos oficiais, capaz de revelar as circunstâncias históricas que moldam as experiências pessoais e coletivas, daremos destaque a duas cenas que podem ser lidas como emblemáticas do gesto comprometido e provocativo assumido pelo narrador-autor.

A primeira delas diz respeito ao diálogo travado entre o autor – instância explicitamente assumida nesse trecho do romance – e o doutor Romano, personagem ficcional que cumpre a função de atestar o falso suicídio do trabalhador alentejano Germano Santos Vidigal – preso, torturado e morto pela PIDE. Vale lembrar que o lavrador, personagem histórica ficcionalizada pelo romancista, já havia sido referenciado, junto com um companheiro, na dedicatória presente no início da obra: “À memória de Germano Santos Vidigal e José Adelino dos Santos, assassinados” (SARAMAGO, 1993, p.9). No fragmento transcrito a seguir, acompanhamos a conversa irônica que desmascara a atitude antiética do médico, a serviço do regime salazarista:

(...) Diga lá, doutor Romano, doutor delegado de saúde, ajuramentado por memória de Hipócrates e suas atualizações de forma e de sentido, diga lá, doutor Romano, aqui debaixo deste sol que nos alumia, se é realmente verdade que o homem se enforcou. Ergue o doutor delegado de saúde a sua mão direita, põe sobre nós os olhos cândidos, é homem muito estimado na vila, pontual na igreja e metucioso no trato social, e tendo-nos mostrado a pura alma, diz, Se alguém

tem um arame enrolado duas vezes no seu próprio pescoço, com uma ponta presa no prego acima da cabeça, e se o arame está tenso por causa do peso mesmo que parcial do corpo, trata-se, sem dúvida nenhuma, tecnicamente, de enforcamento, e, tendo dito, baixou a mão e vai à sua vida, Mas olhe lá, doutor Romano delegado de saúde, não vá tão depressa que ainda não são horas de jantar, se é que tem apetite depois daquilo a que assistiu, faz-me inveja um estômago assim, olhe lá e diga-me se não viu o corpo do homem, se não viu os vergões, as nódoas negras, o aparelho genital rebentado, o sangue, Isso não vi, disseram-me que o preso se tinha enforcado e enforcado estava, não havia mais que ver, Será mentiroso, Romano doutor e delegado de saúde, ganhou como e para quê, e desde quando, esse feio hábito de mentir. Não sou mentiroso, mas a verdade não a posso dizer, Porquê, Por medo, Vá em paz, doutor Pilatos, durma em paz com a sua consciência, forniche-a bem, que ela bem os merece, a si e à fornicção, Adeus senhor autor, Adeus senhor doutor (...) (SARAMAGO, 1993, p.177)

Nessa passagem, a covardia do médico, que se esconde atrás de especificações técnicas que servem para dissimular o ato criminoso cometido pelos policias, é acentuada na medida em que o “autor” elabora suas indagações e observações. Ao final, diante da declaração sofismática do doutor – “Não sou mentiroso, mas a verdade não a posso dizer” – e de sua identificação como medroso, o “autor” se despede de maneira sarcástica, chamando-o, então, de Pilatos.

Importa ressaltar ainda que a explicitação da instância autoral enfatiza a perspectiva ideológica que subjaz à narrativa. Essa estratégia, que se afasta de concepções mais tradicionais, deixa claro o repúdio de Saramago diante das atrocidades cometidas pelos representantes do poder ditatorial.

Outra cena que nos parece emblemática da perspectiva crítica e engajada que estrutura o romance se dá durante a celebração do casamento de Gracinda Mau-Tempo e Manuel Espada. Ela é neta de Domingos Mau-Tempo, o patriarca da família Mau-Tempo, e seu noivo é um destemido trabalhador rural de Monte Lavre, como indica o seu sobrenome. Durante a festa, António Mau-Tempo, irmão de Gracinda, resolve contar aos presentes um episódio protagonizado por ele no quartel, onde estava cumprindo o serviço militar.

Quando o padre Agamedes, representante das forças mais conservadoras da Igreja, deixa o local onde estava ocorrendo a festa, os convidados começam a conversar de maneira mais descontraída e é então que o jovem soldado inicia seu relato dizendo que a comida servida cotidianamente a ele e a seus companheiros de farda era muito ruim, o que o levou a propor uma greve de fome. A ideia, bem recebida pelos outros rapazes, é, então, colocada em prática. Os oficiais superiores, sentindo-se ultrajados, ameaçam os insurrectos com metralhadoras, mas os soldados se mantêm firmes e se recusam a comer, numa tocante demonstração de coragem e união. Vejamos:

Então lá no quartel foi resolvido fazer um levantamento de rancho, não comer nem migalha do que nos punham na frente, assim como se fôssemos porcos que recusassem o cocho onde se deitaram mais porcarias do que a conta que o porco admite, não nos importamos de comer meio alqueire de terra por ano, a terra é tão limpa como nós, mas isto é que não, e eu, António Mau-Tempo que vos falo, fui o da ideia e nisso tenho muita honra, a gente só sabe a diferença depois de ter feito estas coisas, falei aos camaradas e eles estiveram de acordo, que mais do que aquilo só se nos cuspissem em cima, e então chegou o dia, tocou ao rancho e nós sentámo-nos como se fôssemos comer, mas a comida assim como veio assim ficou, por mais que gritassem os sargentos ninguém pegava na colher, era a revolução dos porcos, e depois veio o oficial de dia, fez um discurso como os do padre Agamedes, mas nós era como se não entendêssemos nem a missa nem o latim, primeiro quis levar-nos a bem, com palavras doces, mas logo se lhe foi a

mansidão, começou aos berros, mandou formar na parada, e nós isto percebemos, o que queríamos era sair do refeitório, saímos e íamos dizendo uns aos outros, à boca pequena, boas palavras, não desistir, força, coragem, aqui ninguém se nega, e então formámos, deixaram-nos estar ali meia hora, e quando julgávamos que era esse o castigo, vimos estarem a instalar três metralhadoras viradas para nós, tudo de acordo com as regras, atiradores e serventes, caixas de fitas, e então o oficial disse que ou íamos comer ou dava voz de fogo, foi esta a voz da pátria, era como se minha mãe dissesse ou comes ou corto-te o pescoço, nenhum de nós acreditou, mas o caso foi ao ponto de ouvirmos armar as metralhadoras e a partir daí já não sabíamos o que ia acontecer, falo por mim que senti um arrepio na espinha, e se for verdade, e se disparam, e se isto é aqui uma sangueira por causa dum prato de sopa, valerá a pena, não é que estivéssemos a fraquejar, mas nestas situações não se pode parar o pensamento, e então na formatura, nunca se soube donde, nem os camaradas que estavam perto disseram, ouviu-se uma voz, muito sossegada, como se estivesse só a perguntar pela nossa saúde, Camaradas, daqui ninguém arreda pé, e outra voz, do lado oposto, Podem disparar, e então nem sei como aquilo foi, ainda hoje me dá vontade de chorar, toda a parada gritou, era um desafio, Podem disparar, estou que não iriam fazer fogo contra nós, mas se o fizessem, sei que tínhamos ficado ali todos, e essa é que foi a nossa vitória, não foi ter melhorado o rancho, que às vezes a gente começa a lutar por uma coisa e acaba por ganhar outra, e esta é que era a melhor das duas. Fez António Mau-Tempo uma pausa e depois acrescentou, muito mais sábio do que a idade que tinha, Mas para ganhar a segunda, tem de se começar por lutar pela primeira (SARAMAGO, 1993, p. 226-7).

Como se vê, a maturidade evidenciada por António por ocasião do levante é surpreendente. E se por um lado a clareza de suas ideias leva-o a agir de forma consciente e eficaz, de outro a sua atitude e a de seus companheiros levam-no a reflexões profundas, fundamentais para embasar lutas futuras. Daí que a lição que António tira do episódio seja exemplar e, conforme afirma o próprio narrador-autor, sinal de grande sabedoria.

O fato ficcional criado por Saramago põe em evidência a luta daqueles que, via de regra, não são contemplados pelos relatos da historiografia oficial. Personagens muitas vezes anônimas que, com gestos de bravura, moldam o curso dos acontecimentos. Nesse sentido, a cena transcrita materializa um dos principais motores da obra ficcional de Saramago: questionar a chamada verdade histórica através da revelação de fatos esquecidos ou obliterados pelos discursos hegemônicos – a história “que poderia ter acontecido”. Essa ideia foi recorrentemente difundida pelo escritor, como se observa na declaração a seguir:

Que diabo é a verdade histórica? Só algo que foi desenhado, e depois esse desenho estabelecido foi cercado de escuro para que a única imagem que pudesse ser vista, destacada, fosse esta que se quer mostrar como verdade. A tarefa é tirar todo o preto, saber o que é que ficou sem ser contado, sem ser mostrado (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p. 255).

Romance e história

O modo de elaboração de *Levantado do chão* revela as estratégias criadas por Saramago para internalizar, no âmbito de sua produção romanesca, aspectos importantes da materialidade da história. Nesse sentido, o discurso ficcional do escritor foi hábil em preencher o que ele próprio chamava de “os silêncios da história”. Isso porque seus romances operam uma espécie de revisão do discurso historiográfico oficial, abrindo brechas para que outras vozes, responsáveis por discursos alternativos, possam colaborar na (re)construção do passado.

No início deste texto, reportamo-nos à reflexão de Jameson, segundo a qual o sucesso do romance histórico contemporâneo se assentaria justamente na inventividade do escritor ao articular, em seu texto, as dimensões existencial (individual) e pública (histórica). No caso da obra ficcional de Saramago, a criação (ou recriação) de personagens socialmente marginalizadas, cujas vozes e ações ganham destaque na trama narrativa, bem como a presença de um narrador-autor que, valendo-se da dicção oral, mostra-se “dono” da história que se conta, são estratégias que garantem a atualização do romance histórico através de soluções literárias imprevistas e intelectualmente mobilizadoras.

Nesse sentido, as duas cenas que focalizamos de *Levantado do chão* mostram-se esclarecedoras. Na primeira delas, a personagem do doutor Romano, por ser representante da ordem governamental, recebe um tratamento irônico por parte do narrador-autor que, ao dialogar com ele, não apenas revela, mas também desqualifica a sua atitude diante do trabalhador assassinado pela polícia. Já na segunda cena, o relato de António Mau-Tempo, com vimos, põe em relevo a atitude corajosa dos soldados que, conscientes de sua condição e da tirania com que eram tratados, amotinam-se e desafiam a brutalidade do poder instituído.

Nos dois casos, as ações das personagens (plano individual) são cuidadosamente caracterizadas de modo a enfatizar suas articulações com a ordem ditatorial (plano histórico), iluminando as tensões e fraturas que constituem a práxis histórica. Daí a ampliação e a complexização dos sentidos atribuídos pelas perspectivas mais conservadoras aos acontecimentos que marcaram o desenrolar da história portuguesa do século passado.

No projeto literário desenvolvido por Saramago, o entrelaçamento criativo da existência individual das personagens com a experiência coletiva que diz respeito a todos os sujeitos históricos faz com que as dimensões ideológicas dos discursos, sejam eles ficcionais ou historiográficos, sejam abertamente confrontadas. Por isso seus textos evocam um sentido ético profundo, capaz de (re)organizar o mundo a partir de princípios menos injustos.

Com a convicção de que os discursos são sempre construções fundadas sobre um ponto de vista e de que nenhuma verdade é definitiva, o autor português fez de sua ação literária também uma ação política, fonte sempre renovada de saberes que dizem respeito a experiências vividas no passado que podem – e devem – orientar as ações que incidem no presente. Em suas próprias palavras: “Tudo o que somos, herdamos e transformamos para passar aos outros. Nesta perspectiva, toda a História é a História contemporânea.” (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p. 254).

Between individual existence and collective experience: considerations on the fictionalization of history in Saramago

ABSTRACT:

This article discusses the aspects of the construction of the novel *Raised from the Ground*, by Jose Saramago, by pointing out the way the text presents an innovative approach on the problem of historical reference.

Keywords: Jose Saramago. Novel. History.

Notas explicativas

* Professora Doutora de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

¹ Trata-se de uma conferência apresentada por Jameson na Universidade da Califórnia em 2004. No Brasil, o texto foi publicado pela *Revista Novos Estudos – CEBRAP* em março de 2007.

Referências

- ABDALA Jr., Benjamin. *Literatura, história e política*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. 285 p.
- AGUILERA, Fernando Gómez (sel. e org.). *As palavras de Saramago*. Trad. do espanhol, inglês, francês e italiano: Rosa Freire d'Águiar, Bernardo Ajzenberg, Eduardo Brandão, Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 479 p.
- BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Editora Arcádia, 1980. 443 p.
- JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? Trad. Hugo Mader. *Revista Novos Estudos - CEBRAP*, n. 77. São Paulo, mar. 2007, p.185-203.
- SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. 366 p.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989. 278 p.